

Esta peça tem caráter essencialmente didático, razão porque tem sido também encenada em escolas, quer em dramatizações pelos próprios alunos, quer em apresentações do teatro escolar.

Humanizando figuras históricas, visa a lembrar permanentemente que também nós fazemos nossa História, ao optar entre uma neutralidade covarde e a ação consciente e decidida que cada fato novo exige.

Personagens:

Composição que envolve figuras da História ao lado de personagens fictícios e figuras e recursos do teatro de formas animadas (títeres)

Históricos

D. João ii
Conselheiro
Bois le Comte
Ajudante de Ordens
2 Criados
2 Piratas
2 Índios
Mensageiro
Anchieta
Caoquira
Cunhambebe
Mem de Sá
Portugueses

De Ficção:

Falabém
Jujuba
Curumim
Mandioca
Demóstenes
(Papagaio)
Dr. Pedro
(Mico)

Cenários: Espaços cênicos com elementos de cena, apenas, sugerindo os vários ambientes: Salas: do trono de Portugal / de Bois le Comte/ de Mem de Sá (que pode ser a mesma, mudando apenas o brasão etc.)

Praça e praia onde se reúnem portugueses e índios.

Luz se abre sobre grande mapa do Brasil ao fundo.

A seguir, foco se dilata à esquerda alta, mostrando sala do trono de Portugal: brasão com armas e trono. Sentado, o rei D. João III. Próximo, de pé, o Conselheiro.

REI: Ai, todo mundo acha que é uma beleza ser rei! Mas de fato é uma trabalhadeira de deixar um cristão maluco!

CONSELHEIRO: Sua Majestade está hoje muito preocupado... O que há?

REI: Leia você mesmo... (estende-lhe papel)

CONSELHEIRO: Hum... O governador Mem de Sá pede reforços...

REI: Eu sabia que os franceses iam acabar tentando se estabelecer no Brasil! Não vê o que diz o governador: "...estabeleceram fortificações na Baía de Guanabara e com ajuda dos índios estão cada dia ganhando mais terreno..."

CONSELHEIRO: É preciso expulsá-los de lá o quanto antes!

REI (Pausa): Sabe quando se come um pedaço de bolo muito grande e seco, não há água para ajudar a descer e fica-se com ele entalado na garganta? Pois é...

CONSELHEIRO (Intrigado): Mas... entalado com o quê Majestade?

REI: Com essa terra do Brasil!

CONSELHEIRO: Bom, realmente é uma terra imensa e...

REI (Corta): Pois aí é que está! Se fosse uma ilhazinha, como pensávamos, era fácil tomar conta dela! Mas uma terra daquele tamanho! Cada expedição que lá foi descobriu mais um pedaço! Dividi-a em capitânias... não deu certo! Com o governo de Tomé de Souza parecia ir tudo bem... Mas agora... acho que desandou de novo!

CONSELHEIRO: Bem... e garantir a posse das terras para Portugal é importante, pois parece uma terra cheia de riquezas!

REI: E pensa que os piratas franceses e espanhóis já não descobriram isso?

CONSELHEIRO: Mais um motivo para providências urgentes!

REI (Levanta-se, irritado): Eu acho muito engraçado! Fica todo mundo só olhando para mim e dizendo: é preciso tomar providências! É preciso tomar providências!... E onde é que vou arranjar gente, armas, caravelas e tudo mais para defender uma terra daquele tamanho? Portugal inteiro cabe dez vezes ou mais dentro dela!

CONSELHEIRO: Isso é verdade...

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

REI: Sabe como eu me sinto? Como o anãozinho do circo a quem deram ordem de ir domar o elefante!

CONSELHEIRO: Imagino como V. M. se sente. Mas temos que arranjar gente e armas para colonizar e defender as novas terras...

REI (Desanimado): Gente e armas...

(Sobre o mapa do Brasil descem do alto três arcabuzes (ao longo do litoral), apontando para o mar...)

CONSELHEIRO: E quanto antes... que os piratas e invasores são cada vez mais numerosos!

(De frente para os arcabuzes, em processo idêntico, descem três caravelas deslocando-se em direção à costa.)

REI: Mandei já os reforços que Mem de Sá pediu... Mas minha esperança mesmo é que os jesuítas consigam conquistar os selvagens e trazê-los para o nosso lado. Que se não pudermos contar com eles... não sei como vai ser!

(Cena se fecha com foco apenas sobre as três caravelas, como iniciou. Ao apagar-se também esse foco, acende-se, quase simultaneamente, em outro ponto da direita, ao alto, cestinha que desce com alguém dentro, imitando a gávea de uma embarcação.)

FALABÉM (Grito): Gai-vio-tas!... Gai-vio-tas à vista!...

(Abre-se para dois piratas em baixo: estereótipo do pirata tradicional, com cabeleira, bigode, etc.)

1º PIRATA: Que foi que o Falabém gritou?

2º PIRATA: "Gai-vio-tas"... Como sempre. Não há meio de fazê-lo dizer gaiivotas...

1º PIRATA: Hum... Sinal de terra... Estamos chegando!

2º PIRATA: Será que chegamos a tempo de avisar Bois-le-Comte?

1º PIRATA: Com certeza. Não creio que os reforços de Portugal já tenham chegado.

2º PIRATA: Se tivessem, o governador já teria partido para o ataque...

1º PIRATA: Olhe! Lá está o forte!

(Slide, à esquerda, de um desses fortes antigos da Baía de Guanabara, visto à distância. Corte de luz traz a cena para lá, acendendo em baixo sobre mensageiro que entra a correr)

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

MENSAGEIRO (Entrando, ofegante)? Monsieur Bois-le-Comte! (Este aparece)

Confirmadas as notícias: os portugueses se preparam para atacar! O governador recebeu reforços e vem ele mesmo comandar o ataque!

AUXILIAR (Próximo): Não temos tempo a perder!

BOIS LE COMTE: Meus melhores trajes, rápido!

AUXILIAR: Monsieur, o tempo urge!

BOIS LE COMTE: Mas não é por isso que vou descuidar de minha aparência!

(Enquanto dialogam, em ritmo agora mais rápido, executa-se, com pressa que não exclui certa solenidade, e o ritual de sua preparação, marcando a preocupação muito francesa com os trajes e a apresentação...)

BOIS LE COMTE: Minhas botas!

(Mensageiro faz-se de criado e vai apanhar as botas; apresentando-as, anuncia quase em tom de arauto):

MENSAGEIRO-CRIADO: As botas de Monsieur Bois-le-Comte!

AUXILIAR (Apanha-as e as passa, solene, a B. C.): As botas, Monsieur Bois Le Comte!

BOIS LE COMTE (Apanha-as e as calça com a mesma solenidade e então fala): Portugal fechava os olhos ao comércio que fazíamos, mas eu sabia que ia protestar quando fincássemos o pé no Brasil!

AUXILIAR: Sabe o que isso representa! A França Antártica pode ser o começo da posse da terra pela França!

BOIS LE COMTE (Para o criado): Minha túnica!

(Repete-se a encenação anterior até que ele a veste e fala):

BOIS LE COMTE: Pois quer Portugal dê gritinhos ou esperneie, continuo lhe dando a mesma resposta que deu nosso rei Francisco I a D. Manuel: que não conhece um testamento de Adão dividindo o mundo entre Portugal e Espanha!... Eu vou criar uma nova França no Brasil!

(Para os auxiliares):

BOIS LE COMTE: Minha espada!

(Mais rápida já, repete-se a encenação para a espada.)

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

AUXILIAR: E nessa nova França, Monsieur será o governador!

BOIS LE COMTE: O Rei!... Serei o Rei!

(Empunha a espada à guisa de cetro e sai caminhando, majestático.)

AUXILIAR (Para o mensageiro): Quando um homem começa a sonhar com a fortuna ou com a glória... que lhe saiam da frente que é capaz de tudo!

(Inicia-se música de suspense em fundo. Foco para Falabém na "gávea")

FALABÉM (Trêmulo de medo): Va-vavão ata-ca-car! Mon Dieu! Pro-pro-tegei o filho de minha ma-mãe!...

(Em baixo, Bois le Comte)

BOIS LE COMTE: Mande tocar... reunir!

(Auxiliar, corneta à boca, dá o toque mandado. Corte de luz. Reacende à boca de cena à esquerda. Sob marco de estrada que indica Piratininga, um grupo de meninos em conversa: Garoto branco pequeno e magrelo Jujuba: de pé, a contar, em gesto largos, mímica exagerada, sonoplastia com a boca, uma "grande caçada". À sua frente, sentado, pernas cruzadas e ar incrédulo, um indiozinho - Curumim)

JUJUBA: E aí eu fui acuando a onça! Acuando, acuando... (Corpo curvado para a "onça") Ela já olhava para mim com olhos de medo porque sabia que ia ser agarrada!

(Pulo)

CURUMIM: Tem certeza que não era um gato?...

JUJUBA (Endireita o corpo, ofendido): Lá vem você com a mania de não acreditar no que eu digo!

CURUMIM: Mas eu acredito, como não? Sei que você não mente! Não é, Demóstenes?

(Atrás, um papagaio (títere), Demóstenes - empoleirado em ponto próximo).

DEMÓSTENES: Perfeitamente. Nós acreditamos porque sabemos que você não mente. De vez em quando, apenas, saem de suas histórias uns... chuviscos de... Como é mesmo que o Dr. Pedro diz, hein? (Chama) Dr. Pedro, como é mesmo...

(Do outro lado, um mico (títere) sentado, livro ao colo, grandes óculos pousados no nariz. Demóstenes repete)

DEMÓSTENES: Dr. Pedro!...

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

(O mico ergue ligeiramente a cabeça olhando por cima dos óculos, como velho):

PEDRO (Puxando nos rr ao falar): Mas isto me irrita!... Não me perturbe! Não vê que estou meditando?

(Endireita os óculos sobre o nariz e continua a leitura, posudo)

DEMÓSTENES: Depois que o Dr. Pedro voltou da Europa está impossível! Passa o dia inteiro com esses livros!

CURUMIM: Mas já me lembrei do que ele diz: (Para Jujuba) é que você põe em suas histórias uns "chuviscos de fantasia", de invenção...

JUJUBA: Pois aqui não chuvei nada! Não tem fantasia nem invenção! É a pura verdade!

DEMÓSTENES: Pois então continue!

JUJUBA (Anima-se de novo): De repente, a anta começou a correr...

CURUMIM (Corta): Anta?!... Mas não era onça, Jujuba?

JUJUBA (Inalterável): Uma anta e uma onça! É proibido caçar dois bichos ao mesmo tempo?

CURUMIM: Não, só que... Vá lá... Saíram correndo, uma para cada lado?

JUJUBA: Não, começaram a correr juntas, uma ao lado da outro...

CURUMIM: Uma ao lado da outra, sem se separarem...?

DEMÓSTENES: Que bichos bem comportados!...

DR. PEDRO (Doutoral, de lá): Esse chuvisco já está virando temporal!

JUJUBA: Se vocês ficarem assim, eu não conto nada!

CURUMIM: Olha! Lá vem o Mandioquinha na disparada! Que será que houve?

(Um garoto negro se aproxima esbaforido):

MANDIOCA: Corram! Os perós vem aí! Pegaram mais dez!

CURUMIM (Sério): É por isso que prefiro os mairs. São melhores para nós!

DR. PEDRO (De trás): Ah, essa ignorância me irrita! Os perós, portugueses, precisam deles para o trabalho, para a lavoura! Os mairs, franceses, como não ficam morando aqui, não tem esses problemas! É por isso que vêm muito falantes e de bons modos, pra levar a vocês, bobos, na conversa e carregar com nossas riquezas! São ainda piores: estão roubando o

que é nosso! E vocês a fazerem reverência para estes... ayurujubas!

DEMÓSTENES (Resmunga para si): "Ayurujuba"!... Esse apelido me irrita, como diz o Dr. Pedro! Chamarem os franceses - esses tagarelas de cabelo cor de milho - de "papagaios falantes" é uma ofensa para minha raça!...

MANDIOCA: Olha! Lá vêm eles!

(Os três meninos se abaixam rápido, como a se esconder. Passam ao fundo, assinalados por foco móvel que os segue, um português (botas, talabarte, arma à cinta, chapéu, etc: a imagem tradicional do colonizador) levando amarrados por corda ao pescoço, braços para trás, a dois índios. Mal somem de vista os garotos se erguem de novo).

CURUMIM (Sombrio): Presos! São dos nossos!

JUJUBA: Que é que nós podemos fazer?

(Param e se voltam para Dr. Pedro, a olhar por sobre os óculos para um e para outro, como se já aguardasse a consulta).

DEMÓSTENES: Que é que o Snr. acha, Dr. Pedro?

(Ele ergue a cabeça e pigarreia, fazendo suspense. Depois de uma pausa):

DR. PEDRO: Falar com o Padre Anchieta... É lógico!...

CURUMIM: É mesmo! Vamos!...

(Saem os três a correr).

DR. PEDRO (Coçando o peito com as pontas das unhas) - Nunca sabem o que fazer! Ah, se os homens fossem inteligentes como eu! A ignorância me irrita!...

(Corte de luz. O grupo está agora diante do padre).

ANCHIETA: Levá-los para o trabalho nada tem de mal. Trabalhar é que faz a grandeza do homem. O que não podem é levá-los assim, presos e amarrados!

JUJUBA: Mas tem gente que não gosta de trabalhar! E fazer trabalhar à força...

ANCHIETA: A força é um erro, o trabalho, não! Não misture as coisas!... A preguiça é a mãe de todos os vícios! (Intencional) Não acha, Jujuba?...

JUJUBA (sem se dar por achado): Eu acho, sim, Padre! Tanto que eu... eu ainda ontem trabalhei a tarde toda! (Curumim e Mandioca se entreolham espantados)

ANCHIETA: Mas, que milagre! Trabalhou mesmo, Curumim?

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

CURUMIM: Bom, eu acho que ele... que ele está , "chuviscando", Padre...

ANCHIETA (sem entender): "Chuviscando"?...

MANDIOCA: Pra mim isso já é temporal, como diz Dr. Pedro! "Trabalhou" a tarde toda... Bah!

JUJUBA (Ofendido): Em vez de dar atenção a esses... linguarudos, o snr. não acha melhor ir ver o que pode fazer?

ANCHIETA: É sim. Vou lá agora mesmo. Quanto a você, depois conversamos.

(Mal se afasta entra correndo um mensageiro):

MENSAGEIRO (Ainda de longe): Pe. Anchieta!... Mensagem de São Vicente! Mandaram avisar... (Para ofegante, língua de fora)

(Foco pega Demóstenes e Dr. Pedro, assistindo).

DEMÓSTENES: Nossa! Está pondo os bofes pela boca!

DR. PEDRO: Por sua palidez e aflição... dedução fácil: trata-se de algo sério, muito sério!

MENSAGEIRO: Mandaram buscar... o snr. e o Pe. Nóbrega... O snr. vai?

ANCHIETA: Sim, mas... o que foi que houve?

MENSAGEIRO: A batalha! A batalha entre portugueses e franceses... Dois dias!

ANCHIETA: Uma batalha! E quem venceu?

(Corte de luz e foco pega, ao fundo, figura de Bois le Comte: esparadrapo na testa, muletas, língua de fora, roupa aos farrapos, enfim, "aos cacos". Passa capengando e falando):

BOIS LE COMTE: Nós perdemos... Mas garanto que isso não vai ficar assim, não! Eu ainda vou fundar aqui essa França Antártica! Eu me vingó! Vão ver!...

(Corte de luz. Acende-se à esquerda alta, sob escudo português em destaque: Mem de Sá visivelmente nervoso).

AJUDANTE DE ORDEM: O Snr. Mem de Sá me perdoe o atrevimento, mas acho que o Snr. Governador devia descansar... Essa batalha contra os franceses o deixou esgotado...

MEM DE SÁ: Descansar agora seria por tudo a perder!

AJUDANTE: Ora, o senhor conseguiu uma vitória brilhante! Venceu-os em toda a linha!

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

MEM DE SÁ: É, mas só consegui fazer alguns prisioneiros! A maioria fugiu!

AJUDANTE: Mas o senhor o arrasou as fortificações inimigas! Eles não têm nem como lutar mais!

MEM DE SÁ: Engana-se, meu caro. Eles foram para o interior. E se forem inteligentes - e creio que são! - vão aumentar suas forças e voltar contra nós!

AJUDANTE: Mas... aumentar como?

MEM DE SÁ: Levantar contra nós os índios e cercar-nos. Aqui em São Vicente isto é muito fácil. (Vai ao fundo, onde se desenrola novamente mapa do Brasil; ele, vareta na mão, aponta e vai explicando) Se trouxerem os índios para o litoral isolam-nos por completo. Podem fazer o mesmo com Santo André. (Mostra) Mande um emissário chamar João Ramalho e os padres: vamos tentar transferir todos os moradores de Santo André para São Paulo de Piratininga!

AJUDANTE (Espanto): Transferir todos os moradores? Mas, por que?

MEM DE SÁ: Por que acho que agora é que a coisa vai começar de verdade!

(Corte de Luz. Música de suspense em fundo marca à direita alta dois índios, rostos pintados, à espreita. O Ajudante de Ordens desceu para junto de Anchieta.)

AJUDANTE: Os índios se levantaram e vieram para o litoral!

ANCHIETA: Estão cercando São Vicente?

AJUDANTE: Estão.

ANCHIETA: É o que eu temia que um dia acontecesse. Os franceses se mostraram bons políticos: souberam aproveitar as forças contrárias! Foco sobre Demóstenes olhando já para todos os lados.

DEMÓSTENES: Acho bom eu ir andando... Tem gente que não sabe que sopa de papagaio é muito indigesta!

(À sua frente, os três garotos.)

MANDIOCA (Olhos arregalados): A briga deve ser só de índio com branco... Eu acho que negro tá fora desse rolo!

CURUMIM (Preocupado): Vai ser também de índio contra índio... Se os Tamoios vieram para o litoral... vai ser guerra de verdade!

JUJUBA (Trêmulo de medo): De verdade?... Eu ... acho que... que isto já é exagero! Só porque perderam uma batalhazinha... esses franceses não vão...

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

CURUMIM: Ora, vejam só o herói! Quem vive em caçadas, lutas e aventuras como você não devia ter medo!

JUJUBA: É, mas aqui ninguém contratou meus serviços e... eu não gosto de me meter onde não sou chamado... E depois, sou filho de índio com branco: não posso tomar partido!

(Afastam-se sem ver o Padre Anchieta que vem andando pela boca de cena, pensativo. Apenas Dr. Pedro fica, a observar, calado, o padre que se aproxima):

DR. PEDRO (Quando o vê próximo): O Snr. não vai entrar nisso, vai? Olha que é perigoso!

ANCHIETA: Perigo é coisa que já faz parte de minha vida. E depois, Dr. Pedro, eu não sou verme pra ficar escondido na terra por medo de lutar

DR. PEDRO: Hum... Quem tem amor à pele não quer saber disso, não... Mas de que lado o Snr. vai entrar? Se for contra os portugueses vão chamá-lo de traidor! Se for contra os índios... vira picadinho! De que lado o Snr. fica, Padre Anchieta?

ANCHIETA (Calmo): Do mesmo lado que sempre fiquei, Dr. Pedro: do lado da Justiça!

DR. PEDRO: É o lado mais difícil, Padre. É o lado mais difícil!

ANCHIETA (Devagar): Eu sei. A vida toda eu venho aprendendo que o lado da Justiça é o mais difícil, o que cansa mais e pede mais luta. Mas que é o único lado certo, Dr. Pedro!

(O Mico assente com a cabeça, convicto.)

ANCHIETA: E é do lado da Justiça que eu vou continuar, meu amigo, seja a que preço for!

(Afasta-se, passos decididos.)

DR. PEDRO (Sacode a cabeça): Ah, se os homens tivessem juízo como nós!... E fica esse aí, que é um santo, no meio dessa loucura toda!... Que Deus o proteja! Eu não quero nem pensar em tudo que pode lhe acontecer!

(Corte de luz. Foco pega agora Falabém caminhando, cauteloso, em passo de ganso, a olhar para trás a cada passo. Vê-se que foge de algo, sem ver um arbusto, no qual ele esbarra súbito. Grito)

: Aaaaaai! Por que não olha para onde anda?

FALABÉM (Distraído): Desculpe! Eu... (Sobressalto) Ih! Uma árvore, falando?

DEMÓSTENES (Surge atrás do arbusto, só a cabeça, galho preso ao alto): Não é árvore, idiota! Sou eu!

FALABÉM: Ora, é um papa... paca... (Desata a rir)

DEMÓSTENES (Corta, irritado): Nem sabe dizer! Sou eu, Demóstenes!

FALABÉM (Para de rir e repete): Demo... Demóstene? (Desata a rir de novo)

DEMÓSTENES (Irritadíssimo): Ah! A ignorância me irrita, como diz o Dr. Pedro! Demóstenes foi um grande orador grego! Não sabia?

FALABÉM (Sempre dobrando-se de rir aponta o galho na cabeça dele): Grego... Ah, é por isso que você está com ca...coroa de louros?

(Demóstenes abre a asa, agressivo).

DEMÓSTENES: Outra piada dessas e garanto que dá galho!

FALABÉM: Com você plantado aí, não dá, não!

(Ruído à distância. Vozerio).

FALABÉM (Apreensivo): Vou andando... Quando der flor me avise! (Afasta-se)

DEMÓSTENES: Não sei onde estou que não desço a lenha nesse atrevido!

(Curumim entrou correndo e passa por Fala bém, em quem esbarra, sem se deter, seguindo caminho).

FALABÉM: Que pressa! Deve estar fu.. fugindo também!

CURUMIM (parando junto ao arbusto): Demóstenes!

(Reaparece a cabeça deste, espantado).

DEMÓSTENES: Como é que você sabe que eu estou aqui?...

CURUMIM: Ora, esse seu "esconderijo secreto" é velho! Viu o Padre Anchieta?

DEMÓSTENES: Passou por aqui e foi para reunião.

CURUMIM: Nossa! Foi à reunião!

CURUMIM: Estão todos os perós reunidos na praça para decidir o que fazer! E ele foi... Meu Deus! Vou para lá correndo!

DEMÓSTENES: Eu, hein? Vontade de entrar em barulho sem necessidade! Pois eu fico é aqui mesmo!

(Some de novo no arbusto. Surge Dr. Pedro, o Mico, mão em pala na testa olhando a distância. Luz se abre também em outra cena: grupo de portugueses em discussão).

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

: Era preciso acabar de uma vez por todas com isso!

: Também acho! Pedir mais reforços à metrópole e liquidar de vez com esses selvagens!

: É uma cambada de gente suja, preguiçosa e ignorante, que só tem servido mesmo pra trazer complicações!

: Raça inferior! Eu sei! Mas são em maior número! E são ferozes!

: Mas nós temos armas! E elas acabam de provar o que valem com os franceses!

: Não acho isso bom. Seria um massacre de parte a parte. E mesmo que ganhássemos ficaríamos sem braços para a lavoura.

DR. PEDRO (de lá, ergue o polegar aprovando): Interesseiro, mas pelo menos tem bom senso!

: Os negros são melhores no trabalho. E só ir buscar na África!

: Os índios, além de preguiçosos, ainda têm esses padres a defendê-los!

: É só não lhes dar ouvidos. E acabar de vez com essa raça!

: Olha, aí vem Padre Anchieta!

: Garanto que vai se meter!

: Duvido! Agora não tem como defender os selvagens porque são eles que estão nos atacando!

: Bom... E traidor é coisa que o padre nunca foi, isso é verdade...

: Pelo menos até hoje...

(Pausa em silêncio no grupo marca a aproximação do Padre. Mal o veem próximo, gritam):

: Então, padre? Seus selvagens estão pondo as mangueiras de fora, hein?

: Se querem guerra, vão tê-la, não há dúvida!

: Ou o Snr. prefere ir lá e dizer para eles tratarem de voltar quietinhos para suas tabas?

: É o único jeito de evitar a guerra...

ANCHIETA (Para à sua frente): Isso eu não poderia fazer!

: Não vai querer defendê-los... agora!

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

ANCHIETA (Encara-os): E por que não? Eu estou contra vocês!

(Corte de luz sobre a cena, ficando apenas foco que marca Dr. Pedro enfiando a cabeça nas mãos em gesto de desespero. Ao erguê-la novamente vê à sua frente Curumim e Jujuba).

CURUMIM: Mas nós temos que fazer alguma coisa!

JUJUBA: O quê? A única coisa que minha perna está querendo fazer... é correr!

CURUMIM: Você tem tanta imaginação na hora de inventar suas... seus "chuviscos"! Vê se agora inventa alguma coisa que ajude!

JUJUBA (Mesmo tom): Ajudar a parar uma guerra?... Não existe nada! E só de pensar... minha cabeça nem chuvia nada... fica é cheia de uma nuvem branca!

(Mandioca entra correndo).

CURUMIM (Assim que o vê): Não disse a você que não se afastasse do Padre Anchieta? Que ficasse atrás dele que nem sombra?

MANDIOCA (Ofendido): E eu fiquei! Quem disse que não fiquei?

CURUMIM: E como é que você está aqui agora?

MANDIOCA: Vim dar notícia importante!

JUJUBA: Estourou a guerra! Os índios já estão atacando! (Olha para os lados) Milhares de índios já estão cercando a cidade, todas as flechas apontadas para... AAAAI!

(Como se tivesse levado flechada "atrás")

MANDIOCA (Espantado, para Curumim): Ficou doido?...

CURUMIM (Para Jujuba): O medo é tanto que até acabou a "nuvem branca" na imaginação?

JUJUBA (Cai em si): Ufa! Vocês ficam brincando e nós aqui arriscados a...

CURUMIM: Por falar em risco... a notícia importante, qual é?

MANDIOCA: O Pe. Anchieta foi à casa do Pe. Nóbrega e ficaram discutindo lá um tempão. Parece que resolveram uma coisa muito séria. Ele agora saiu e foi falar com o pessoal que ainda tá reunido na praça!

CURUMIM: Resolveram uma coisa muito séria? O que pode ser?

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

JUJUBA: A declaração de guerra, não tem outra!

CURUMIM: O padre não é homem de guerra, é homem de paz!

MANDIOCA: Então vamos lá na praça ver!

CURUMIM: Eu já ia pra lá mesmo... É o melhor!

(Luz para o Padre, ainda diante do grupo de portugueses. Seu tom é decidido, sua fala, incisiva).

: Padre, até hoje nós o respeitamos, mas se o Snr. agora está contra nós... passa a ser um problema!

ANCHIETA: Um poder que só mantém pela força é indigno!

: Esses selvagens têm que nos respeitar!

ANCHIETA: Quem quer ser respeitado tem que merecer esse respeito! E o que é que vocês têm feito para merecê-lo?

: Ora, "merecer"...

ANCHIETA (Para todos): Vocês têm agido sempre com a impiedade dos brutos, a fúria dos insensatos e a tirania dos que se julgam com todas as forças na mão!

: Nossa situação exige isto! Temos que dominar os selvagens, policiar os aventureiros, lutar contra os invasores...

: ... quando não se juntam todos para aumentar suas forças contra nós, como agora!

ANCHIETA: Os franceses estão explorando o ódio e a discórdia existentes, é verdade. Mas esse ódio e essa discórdia foram vocês mesmos que semearam com suas atitudes! Quem planta, colhe... é lei antiga na história do mundo!

: Daqui a pouco vai querer dizer que eles é que estão certos e nós, errados!

ANCHIETA: E estão! É pura verdade. É justo que eles reclamem! É justo que se revoltem! É justo que queiram ser tratados como seres humanos - coisa que vocês esquecem que eles são!

: Ora, "seres humanos"... os índios!

ANCHIETA: Diferença de raça ou posição não dá a homem nenhum direito sobre outro homem! Diante de Deus e da Justiça, todos os homens são iguais!

: Quer dizer, padre, que a "Justiça" está do lado deles?

ANCHIETA (Convicto): E está!

: E por isso... o Snr. já escolheu a sua parte: é... do lado de lá?

ANCHIETA: Seria o lado justo.

: Então... se a guerra vier... o Snr. é nosso inimigo!

(Luz marca os garotos e os títeres assistindo, apreensivos. A atitude dos colonos portugueses é ameaçadora. Anchieta abaixa a cabeça e agora a ergue novamente, contristado e pensativo).

ANCHIETA: Se a guerra vier... será uma matança geral! É isso que nós temos que evitar..., a qualquer preço!

: Evitar... como?

: Impossível! Eles não vão ceder.

: E o Snr. mesmo acha "justo" que não cedam!

: E nós não vamos rebaixar-nos diante desses...

ANCHIETA (Corta, incisivo): ... desses filhos de Deus, como o senhor!

(O outro abaixa os olhos, sem responder.)

: O Snr. tem alguma ideia para evitar a guerra?

ANCHIETA: Tenho. Combinei com o Pe. Nóbrega e acho que é a única coisa que ainda se pode fazer: nós vamos até lá, tentar a paz com os índios.

: Não vão aceitar!

: E se falarem em nosso nome, com o ódio que estão...

: ... podem até matá-los!

ANCHIETA: Eu sei. Nós sabemos que podem nos matar. Mas todo homem tem que morrer um dia... e é melhor morrer, que saber que só ficou vivo porque se esqueceu da justiça e da verdade!

(Os colonos, sem ter resposta, agora o olham num misto de espanto, respeito e admiração. Corte de luz neste grupo e cena volta ao grupinho mirim.)

JUJUBA: Vem falar com os índios? Tá maluco! Doido de pedra!

CURUMIM (Sério): Vão matá-lo!

DR. PEDRO (Nervoso): Os homens só tem ideias loucas! Até ele! Ir se meter no meio daquela indiada que já está furiosa com tudo que é branco! Essa loucura me irrita!...

(Mandioca entra correndo, como sempre)

MANDIOCA: Já vão! Acabaram de combinar com os perós as condições de paz e estão de saída para Bertioga!

CURUMIM: Então vamos!

JUJUBA: Nós... também?!

CURUMIM: Por que não? Não viemos aqui acompanhá-lo?

JUJUBA: É que... eu recebi um recado de minha mãe e...

DR. PEDRO: Então fique, se quiser!

(Saem todos de cena).

JUJUBA (Sozinho e hesitante): Não, Jujuba, você não pode fazer uma coisa dessas!
(Suspira fundo) Seja o que Deus quiser!... Esperem!... (Sai a correr atrás deles)
Corte de luz. Cena reabre com slide de uma dessas pinturas famosas de Padres entre selvagens: O. Pereira da Silva, B. Calixto ou outro.

(Embaixo, cruz tosca de madeira sobre altar improvisado e Anchieta erguendo o cálice na celebração da missa. Mais afastados, chefe índio Caoquira e outro índio assistem. Na boca de cena, os garotos, agachados, observam).

JUJUBA: Quando eu contar... vão dizer que é "chuvisco"!

CURUMIM: Não, Jujuba. Do Padre Anchieta a gente acredita tudo.

ANCHIETA (Voltando-se para Caoquira): Deus o abençoe, Caoquira! Prometemos a você que as condições serão cumpridas. E que a paz de Deus seja sempre convosco!

(Do outro lado Dr. Pedro e Demóstenes assistem também).

DEMÓSTENES: Esse homem não podia morrer! Homem igual a ele não se ia achar outro.

DR. PEDRO: Isso não, Demóstenes. Se você lesse os livros que eu leio ia ver que em todo tempo há sempre um punhado de homens que, mesmo nas horas piores, são a consciência do mundo. (Outro tom) Também... é o que vale porque o resto... me irrita de tanta ignorância!

(Rumor de tambores em fundo aumentando progressivamente. Todos se voltam para lá.

Mandioca entrou na maior disparada, gritando):

MANDIOCA: Está tudo perdido! Eles estão vindo! Corram!...

CURUMIM (Tremendo já também): Que... quem vem aí?

MANDIOCA (Parando ligeiramente): Cunhambebe, o chefe dos Tamoios!

DEMÓSTENES E DR. PEDRO (De lá, juntos): Cunhambebe!!

MANDIOCA: Ele é comedor de gente! Todo mundo sabe!

DR. PEDRO: Antropófago, ó ignorante!

MANDIOCA: ... e pode não ter preconceito de cor! Eu que não fico aqui pra ser jantado por ele! (Dispara de novo, sumindo)

DR. PEDRO: Deve ter sabido da interferência dos padres...

CURUMIM (De lá): ... e está vindo aqui liquidar com eles!

DEMÓSTENES: Precisamos tirá-los de lá agora!

JUJUBA: Olha! Já chegaram à praia!

(Ficam a olhar para um ponto onde logo a seguir aparecem, frente a frente, Caoquira e Cunhambebe).

CUNHAMBEBE: Caoquira agora recebe inimigo?

CAOQUIRA: Padre amigo de índio.

CUNHAMBEBE: Todo peró inimigo! Onde padres?

CAOQUIRA (Ergue a mão detendo-o): Padre hóspede taba de Pindobossu. Caoquira respeita hóspede.

(Foco continua a marcar Demóstenes tapando o olho com a asa e Dr. Pedro, mão na boca, apreensivo. Do outro lado, Jujuba e Curumim, igualmente atentos. Os diálogos seguem paralelos dos dois lados).

JUJUBA: Que é que estão fazendo?!

CURUMIM: Acendendo o fogo...

JUJUBA: Já vão jantar os padres?!...

CURUMIM: Não. É o fogo do conselho...

DEMÓSTENES: Você imagina que ele escape dessa?

JUJUBA: To com a nuvem na cabeça de novo. Não consigo imaginar mais nada!

DR. PEDRO: Demóstenes, vá até lá de galho em galho e pouse bem perto, para ouvir o que estão falando.

DEMÓSTENES: Eu, hein? Está querendo me ver na panela?

PEDRO: Deixe de ser bobo! Em pleno conselho de guerra quem é que vai prestar atenção a um papagaio num galho?

DEMÓSTENES (Ofendido): Mas eu não sou um papagaio qualquer! Eu sou...

DR. PEDRO (Corta): ... um idiota! Essa vaidade me irrita! Então vou eu!

(Índios em volta da “fogueira” da qual sai agora um rolo de fumaça. Pausa em silêncio sublinhada pela música suspensiva e o rosto atento dos espectadores-mirins, apreensivos. A diferença de iluminação em torno vai marcando a passagem do tempo).

DEMÓSTENES: Já sei o que vai acontecer! Se nem com a chegada da noite eles param!

CURUMIM: Vão passar a noite discutindo...

(Vê que Jujuba já ressona a seu lado, vencido pelo cansaço. A luz se fecha de todo e vai reabrindo de novo a seguir, cada vez mais claro, sobre a roda de índios).

DR. PEDRO (Reaparecendo junto a Demóstenes; Curumim o vê e corre para lá): Que foi que resolveram?

DR. PEDRO: Só aceitam a paz mediante novas condições, impostas por eles. Pe. Nóbrega vai a S. Vicente, saber se os portugueses concordam. Pe. Anchieta fica aqui de refém.

DEMÓSTENES (Nervoso): Eu sei que a ignorância o irrita, mas o que é “refém”?

DR. PEDRO: Penhor. Garantia uma promessa.

CURUMIM: E se o Pe. Nóbrega não voltar... ou os perós não concordarem?!

DR. PEDRO: Ele morre.

DEMÓSTENES: Então... Padre Anchieta está perdido!

(Luz em resistência sobre o ar consternado do grupinho. Reabre com slide da gravura famosa de Anchieta escrevendo na areia, que some a seguir, reproduzida ao vivo embaixo.

ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

Um pouco afastado, Cunhambebe, à espreita. Aproxima-se).

CUNHAMBEBE: Padre faz brinquedo?

ANCHIETA: Não, meu amigo, escrevo um poema para a Virgem, nossa Mãe.

CUNHAMBEBE: Mar apaga...

ANCHIETA: Mas ela lê antes disso...

(Foco sobre Curumim olhando ansioso, à distância).

CURUMIM: Tanto tempo, já! E se o Pe. Nóbrega não vier?

(Alarido em fundo. Cunhambebe, mãos em pala, parece ver algo ao longe e sai rápido. Música marca apenas a figura de Anchieta, a escrever ainda, tranquilo. Foco pega ao fundo Cunhambebe diante de mensageiro que gesticula. Ele apenas assente com a cabeça).

JUJUBA (De cá): Pela cara dele... não deve ser nada de bom pro padre!

(Cunhambebe agora volta junto de Anchieta e para à sua frente, braços cruzados).

CUNHAMBEBE: Notícia São Vicente! (Anchieta ergue para ele o rosto ansioso) Tem medo?

ANCHIETA: Por mim, não! Mas sua resposta envolve muitas vidas...

CUNHAMBEBE: Eles... aceitam condição.

ANCHIETA (Alívio): PAZ!... Estamos em paz, graças a Deus! (Volta-se para Cunhambebe que o olha com atenção) Então posso voltar a meu trabalho?

CUNHAMBEBE: Padre valente. Cunhambebe respeita guerreiro valente. Cunhambebe leva padre São Vicente...

ANCHIETA (Rosto surpreso abrindo-se progressivamente em um sorriso): Obrigado... Foco se apaga em resistência sobre eles.

DR. PEDRO (De seu lugar): Pra ver a força que pode ter o espírito de um homem! Ah, se todos fossem como ele!

JUJUBA (À sua frente, lamentoso): Por isso mesmo, quando eu for contar... vão dizer que é chuveiro!...

F I M



ANCHIETA

Texto de Maria Helena Kühner

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato da Autora: mhkuhner@yahoo.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Informações sobre o texto:

Esta peça foi escrita a pedido de Fábio Sabag, para o Teatrinho Troll, da TV Tupi, em comemoração ao Dia de Anchieta (dia 9 de junho). Entre a escrita e a gravação do especial o texto foi premiado III Concurso de Peças Infantis do Serviço Nacional de Teatro, de 1972.

Foi publicado pela Editora Vertente Cultural, do Rio de Janeiro, numa compilação de textos da autora, chamado *Teatro para Crianças e Jovens (De Todas as Idades)*, em 2011.